

## DOSSIÊ

“Tensões em torno de saberes  
científicos e tradicionais”



## CAPÍTULO 11

# Perspectivas teóricas do estudo da razão comunicativa em Jürgen Habermas

Marco Antonio Bettine de Almeida

### INTRODUÇÃO

A questão central da teoria do agir comunicativo (TAC) é retomar a tradição dos estudos clássicos das humanidades que defendem que os processos de modernização da sociedade ainda podem ser analisados sob o ponto de vista da racionalização, tal qual se constituiu na tradição ocidental, e há a possibilidade de pensarmos em racionalizações (Habermas, 2012a, 2012b). Nesse sentido, não há como negar uma racionalização patológica e colonizadora da vida das pessoas.

Os estudos de Hannah Arendt (1999) em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* e os escritos recentes de Foucault (1987) em *Vigiar e punir*, por exemplo, apontam racionalidades perversas na sociedade contemporânea. No entanto, Habermas vai defender a existência de outra racionalidade, pouco aprofundada na filosofia. Tal racionalidade estaria livre de coerções e seria a forma de construção da própria humanidade; o pano de fundo para as relações humanas, a potencialidade de criação, de comunicação e de desenvolvimento.

Por esse motivo, Habermas, nas primeiras páginas da TAC, aponta seus objetivos, bem como os fundamentos que o levaram a escrever uma obra de tão grande vulto. O primeiro fundamento é construir os alicerces epistemológicos de uma racionalidade comunicativa; o segundo fundamento é interpretar a dinâmica da sociedade pautada em uma dicotomia entre agir estratégico e agir comunicativo.

Na construção do segundo fundamento, a teoria habermasiana sinaliza um processo de colonização do mundo da vida. Esse processo, a princípio fácil de entender, seria, *grosso modo*, a vitória de uma racionalidade patológica na sociedade atual. Entretanto, ele, na verdade, esconde o essencial: a racionalidade patológica, para existir, precisa colonizar o mundo da vida. Sem colonizar os alicerces que constituem a humanidade, a patologia não existiria; ela seria um ente para si, e não em si.

Para escrever a TAC, Habermas (2012a, p. 261-262) vai utilizar a seguinte estrutura metodológica: primeiro vai debruçar-se sobre a teoria da racionalização de Max Weber, atentando para as alterações estruturais de imagens de mundo religiosas e sobre o “potencial cognitivo das esferas de valores ciência, moral e arte” (Habermas, 2012a, p. 261), e a forma como a racionalização capitalista se constituiu. Da tradição de György Lukács a Max Horkheimer e Theodor Adorno, discutirá a recepção marxista da tese weberiana da racionalização, propondo que é possível ampliar o conceito de ação que tenha como fundamento o agir comunicativo.

Da teoria da comunicação de George Mead e da sociologia da religião de Émile Durkheim, Habermas vai tirar a proposição de que a linguagem “verbalização” foi constituída a partir do sagrado, ou, nas palavras de Habermas (2012a, p. 261): “a ideia de transformação do sagrado em linguagem [*Versprachlichung*] apresenta-se como ponto de vista em que convergem as assunções de Mead e de Durkheim sobre a racionalização do mundo da vida”. Com o desenvolvimento da teoria dos sistemas de Talcott Parsons, será possível convergir para a teoria da ação desenvolvida na recepção da racionalização capitalista e a abordagem marxista fundamentada no agir comunicativo, para reformular a tese de Max Weber e empregá-lo nos dias atuais. Para conseguir isso, Habermas vai radicalizar a disjunção do sistema e mundo da vida.

Em outras palavras, a colonização do mundo da vida é uma desacoplagem progressiva da integração social pelos caminhos do mundo da vida e da integração sistêmica. Esta última radicalizar-se-á a ponto de originar uma submissão do mundo da vida aos imperativos como o mercado e o poder administrativo (burocrático) no sentido weberiano do termo. Nesse caso, temos uma submissão dos valores do mundo da vida aos meios sistêmicos que resulta em uma colonização do mundo da vida.

Para debater tal processo, o capítulo fará uma busca conceitual dos estudos sobre as racionalidades, a fim de mostrar que a racionalidade comunicativa sempre esteve latente em clássicos da sociologia; esse trilhar teórico será feito em quatro momentos, o primeiro é compreender as racionalidades, o segundo a transformação das visões de mundo, o terceiro os conceitos de ação e, por último, o sentido.

## RACIONALIDADES E A RACIONALIDADE COMUNICATIVA

Na TAC, Habermas apresenta uma breve introdução da diferença entre racionalidade e saber; no senso comum, fala-se que determinado sujeito conhece algo por conta de ter um raciocínio, uma racionalidade correta, rápida. Nesse caso, racionalidade tem menos a ver com a posse de conhecimento e mais com o modo como as pessoas adquirem e empregam tal saber.

Isso nos leva à seguinte questão: o que significa comportar-se racionalmente? Nesse sentido, seria entender o comportamento dos seres humanos a partir de uma compreensão da totalidade e dos seus condicionantes. Esse comportamento determina a forma como as pessoas à nossa volta agem, os valores sociais que dão suporte para determinadas ações e o saber que cada ação contém, isto é, busca-se que determinada ação possa ser explicada, ser compreendida, ser entendida. Assim, temos a ideia de que o comportamento é racional.

Para que determinado comportamento seja racional, ele deve – usando as palavras de Habermas – referir-se às coisas que existem no mundo, por exemplo, dizer para alguém: “Vou sentar, pois estou cansado”. Tal comportamento deve ser eficaz, ou seja, deve ser uma intervenção no mundo para que as pessoas a nossa volta compreendam os motivos de determinada ação: “quanto melhor puder fundamentar uma pretensão de eficiência ou de verdade proposicional associadas às pretensões tanto mais racionais elas serão” (Habermas, 2012a, p. 34).

Habermas quer estabelecer a existência de uma racionalidade nas ações de todos os indivíduos; nesse sentido, a eficiência de determinada ação e a intenção de comunicar-se para fazer-se entender já oferecem subsídios importantes para aceitar a racionalidade como elemento fundamental da sociologia. Para ele, “o mundo só conquista objetividade ao tornar-se válido enquanto mundo único para uma comunidade de sujeitos capazes de agir e utilizar a linguagem” (Habermas, 2012a, p.40)

A compreensão de um mundo – e aqui Habermas se utiliza do conceito da fenomenologia: mundo da vida – é pressuposto para a prática comunicativa. Esse contexto possibilita partilhar intersubjetivamente todas as formas de entendimento de um determinado contexto social. Habermas persegue esse local, em que é possível uma comunicação livre de coerções.

No primeiro capítulo da TAC, Habermas procura, com grande profundidade, dialogar com os teóricos da filosofia da linguagem e trazê-los para uma análise macrosocial.

Existe uma lógica da TAC: inicia-se com uma discussão epistemológica da filosofia da linguagem, o embate à filosofia da consciência, para, depois disso, introduzir os conceitos trabalhados de uma ação comunicativa nos clássicos da sociologia. Na TAC,

temos uma discussão importante com Max Weber, György Lukács, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Karl Marx, Émile Durkheim, Herbert Mead e Talcott Parsons.

Habermas se propõe a fechar cada ponto, cada discussão. Objetivamente ele faz a seguinte narrativa: (a) mostrar que a ação é um conceito primordial para a sociologia; (b) afirmar que há um local em que tal ação é recepcionada, o mundo da vida; (c) apresentar que as pessoas utilizam argumentos para se fazerem entender.

Há uma discussão importante na filosofia da linguagem cujo foco são as pretensões de validade no argumento da fala. Para construir a originalidade de sua obra, Habermas enfrenta os grandes autores de referência.

Começando com a questão da pretensão de validade, o primeiro debate promovido é com Stephen E. Toulmin, no qual mostra que, para haver uma argumentação e um aprofundamento da argumentação, as pessoas devem aprender a partir dos fracassos, da refutação de hipóteses e do insucesso de algumas intervenções. Uma comunidade comunicativa é parte de um aprendizado profundo da sociedade. Para a argumentação conseguir atingir sua função na sociedade, tal aprendizado é necessário. Para cada tipo de argumento em determinada situação, o sujeito vai utilizar uma forma de discurso.

Habermas apresenta um resumo dos tipos de discursos e as possibilidades de aprendizado desses discursos. Por exemplo, no discurso teórico, os problemas levantados são cognitivos e instrumentais; as pessoas necessitam de instrumentos para darem conta de determinada afirmação e se fazerem entender, como na universidade: os alunos, no seu processo, precisam construir os argumentos e incrementar seu discurso teórico em sala de aula ou com grupos de colegas universitários para, em seguida, enfrentarem uma plateia em um congresso e, posteriormente, seguir uma carreira na academia científica.

No discurso do cotidiano, os problemas levantados são cognitivos e práticos; as pessoas necessitam das normas sociais e dos valores para compreenderem se determinada afirmação é válida, como em um supermercado: a pessoa pergunta o preço de determinado produto para outra que está com o uniforme do estabelecimento; espera-se que a pessoa consiga responder a essa questão, pois a pergunta está dentro dos contextos normativos. O que Habermas quer dizer com isso? Ele quer explicar que existem tipos de discursos em determinados contextos – esses discursos são atos de fala – e que há um aprendizado social deles. Usando um contraexemplo: um sujeito que usar um discurso prático em sala de aula, perguntando para um professor de química o preço de uma maçã, não aprendeu os usos dos contextos do discurso; do mesmo modo, se o sujeito perguntar a fórmula estrutural de uma maçã para a atendente do supermercado, também não compreendeu os discursos. Resumidamente,

Habermas afirma que as pessoas vão amadurecendo seu discurso à medida que convivem em sociedade e compreendem as regras que estruturam cada espaço social.

Para finalizar seu entendimento de discurso e sua pretensão de validade, após todo o diálogo com a teoria dos discursos, Habermas utiliza a tese de livre-docência de Scheit, de 1987: “Estudos sobre a teoria consensual da verdade”, resumindo seu ponto de vista da seguinte forma: existe o discurso, se – e somente se – o sentido da pretensão de validade for passível de problematização e se as pessoas puderem – isso não quer dizer que devem – almejar um comum acordo racionalmente motivado.

Habermas defende tipos de racionalidades e saberes plurais. Quando cada fala ou argumento cumpre seu papel racional, constrói-se uma visão do mundo, com toda a estrutura para compreender a argumentação. Este ponto é importante na TAC, pois demonstra que há um processo histórico de construção do saber e da linguagem – e, por conseguinte, da comunicação –, alicerçado em acordos sociais livres de coerção e, por isso, comunicativos. Na próxima seção, trataremos da crítica de Habermas à unilateralidade do conhecimento ocidental e da própria ideologia científica.

## PASSAGEM DAS VISÕES DE MUNDO DO MÍTICO AO MODERNO

Habermas não quer ser julgado eurocêntrico, como muitos dos seus colegas europeus. Por isso, ele busca fazer todo um diálogo com a antropologia social a fim de demonstrar a existência de racionalidades nas diferentes culturas. Nesse sentido, ele tem o cuidado de ressaltar que a forma como o europeu construiu a sua racionalidade é uma das subjetividades possíveis dentro do espectro múltiplo de visões de mundo dos seres humanos, a partir da relação com a natureza e da produção material.

Na teoria habermasiana, existe um mundo social, partilhado por todas as comunidades humanas, e uma subjetividade, a forma como o sujeito compreende a sua sociedade. Habermas quer demonstrar, com traços da compreensão mítica e moderna de mundo, a estrutura do mundo da vida e seu formato tripartite – os mundos objetivo, social e subjetivo – como parte constitutiva das comunidades.

Outro ponto a destacar é o embate entre as teorias que conduzem a um pensamento de um agir-teleológico, isto é, um agir que busca um fim voltado a uma vontade do sujeito ou a uma imposição dele. Por exemplo, na política clássica, a ideia de existência de um Leviatã, com acordos dos quais os homens não participam. A teoria habermasiana defende a participação nas esferas sociais de ação, por meio do debate público sem coerções. O autor quer apresentar seu agir comunicativo, trazendo elementos de estudos antropológicos nos quais o entendimento – e não o fim – é que constituiu a sociedade. Desse modo, o mundo da vida seria baseado em consensos e, com a TAC, Habermas pretende enfrentar a tarefa de reconstrução de uma teoria crítica da sociedade, sem o obscurantismo da distopia.

O teórico também busca construir o conceito de imagens de mundo, que seria a forma como cada comunidade interpreta o mundo. Assim, levantam-se as seguintes questões: como os seres humanos interpretam o mundo? Como é possível representar uma racionalidade para todas as sociedades humanas? A resposta é encontrada na obra *Observações filosóficas*, de 1953, de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (2005). Segundo esse estudo, a linguagem é a forma como os sujeitos interpretam o mundo. A língua é uma referência para tal realidade, na qual cada unidade apresenta um sistema linguístico que permite a cada pessoa fazer-se entender na dinâmica de sua cultura.

No entanto, fica a dúvida sobre como a pessoa acessa tais mecanismos e coordena as ações no mundo da vida. Nesse momento, Habermas se utiliza de duas teorias de campos diferentes do conhecimento para esclarecer esse processo: a teoria cognitiva de Jean Piaget (1974) e as análises antropológicas da tribo Azande, feitas por Edward Evan Evans-Pritchard (2007). Nesse sentido, o indivíduo acessa o mundo da vida na convivência cotidiana dos valores da comunidade. Segundo Evans-Pritchard, há um mundo da vida comum, em que os sujeitos são racionais e buscam o entendimento, que se dá a partir do compartilhamento desse mundo. Segundo Piaget, o sujeito apenas acessa esse mundo se tivesse o desenvolvimento cognitivo, que, segundo Habermas, é uma tomada de uma “*posição descentralizada* por parte de uma *compreensão de mundo egocentricamente marcada*” (Habermas, 2012a, p.137, grifos do autor). No mundo subjetivo, piagetiano, os sujeitos podem refletir sobre o que ocorre no mundo objetivo, social, e também podem compreender a própria subjetividade.

O interessante é que, no v.2 da TAC, Habermas faz o mesmo esforço teórico para mostrar que Mead, quando vai explicar a forma de internalização das normas pelo consenso – e não pela opressão –, parte de um sujeito que deve dialogar com o mundo subjetivo. Todo esse esforço parece trazer uma herança de Marcuse e de Fromm sobre Freud (Rouanet, 1986), mas Habermas utiliza-se de forma diferente da apropriação do self, ego e do alter ego, buscando relacioná-los com o mundo da vida e, assim, formar uma trama de conceitos que dará base para o que seria o fundamento da sociedade, ou seja, o mundo da vida. Assim, ele afirma que “todo ato de entendimento pode ser concebido como parte de um procedimento cooperativo de interpretação, voltado a alcançar definições situacionais intersubjetivamente reconhecidas” (Habermas, 2012a, p. 138).

Nos limites deste texto, podemos apontar que a categoria mundo da vida acumula um trabalho interpretativo prestado pelas gerações precedentes; sendo um contrapeço conservador que se opõe ao risco de dissenso, que surge com todo processo atual de entendimento. As imagens de mundo descentradas permitem maior aprofundamento nas orientações das ações racionais. Habermas discute aqui o papel de sair do nível de determinado conjunto de crenças e valores particulares, imagens de mundo



centradas, para um descentramento dessas imagens. Quanto mais descentradas elas forem, mais as pessoas buscarão o entendimento e utilizarão a comunicação como forma de chegar a um consenso.

As sociedades, para buscar o entendimento, devem estar abertas a novas formas de compreensão de mundo. Para que isso ocorra, Habermas acredita em quatro processos relacionados. Desse modo, a fim de se constituir uma tradição cultural em determinado contexto social, é necessário: 1) admitir as pretensões de validade; 2) admitir que uma reflexão “precisa despir-se de seu dogmatismo a ponto de se poder colocar profundamente em questões as interpretações herdadas da tradição e de submetê-las a uma revisão crítica” (Habermas, 2012a, p. 141); 3) deixar realimentar com argumentações especializadas os processos de aprendizagem para que possam ser socialmente institucionalizados; 4) construir espaços comunicativos eficazes, descentrando o agir instrumental das relações sociais, como na administração estatal ou nas relações entre empregado e empregador, marginalizando o agir teleológico.

Habermas, ao utilizar o conceito de descentramento para pensar a questão da tradição cultural e aplicar na análise das sociedades, abre o caminho teórico para a introdução de uma racionalidade comunicativa.

## OS QUATRO CONCEITOS SOCIOLÓGICOS DE AÇÃO

Na seção anterior, construímos as bases do mundo da vida, que são as três interfaces (social, objetivo, subjetivo). No mundo da vida, os sujeitos realizam uma série de tarefas, mais ou menos complexas, cercadas de significados. Podemos compreender as ações porque são racionais e, com o conhecimento delas, é possível construir as bases para uma teoria sociológica. Nesse aspecto, Habermas dialoga com Karl Popper (2013), particularmente no livro *Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento*, para a construção de suas bases, propostas em quatro formas de “agires”: teleológico; regulado segundo normas; dramatúrgico; comunicativo.

Esses “agires” estão em uma sequência de profundidade e em níveis de inter-relação entre sujeitos, bem como no processo histórico de se apresentarem nas discussões acadêmicas. O agir teleológico vem da tradição aristotélica; o agir regulado por normas é weberiana; o agir dramatúrgico é ligado a Goffmann; e o agir comunicativo é habermasiano.

Na discussão sobre o conceito de agir e seus quatro formatos, a TAC enfrenta o agir teleológico da tradição aristotélica. Segundo essa forma de agir, o sujeito realiza uma ação provocando um estado almejado. Existe, portanto, a ideia de controle das pessoas à volta e o uso de poder e influência, sem a preocupação com valores éticos e morais; o *telos* (fim) justifica os meios (Habermas, 2012a, p. 163).

O grande passo de Habermas é ampliar o modelo teleológico do agir para o agir estratégico, separando o modelo aristotélico em dois tipos: o primeiro seria sujeito-objeto; o segundo, sujeito-sujeito. Desse modo, o agir puro teleológico só existe na relação sujeito-objeto; nesse formato, existe apenas uma subjetividade controlando a natureza. Quando há a relação sujeito-sujeito, existem duas subjetividades em disputa e seu conteúdo necessariamente é relacional. O fim que  $S^1$  deseja passa necessariamente pela subjetividade de  $S^2$ ; o fim almejado passa por uma reflexão de outro sujeito racional, que provavelmente tem uma lógica dos fins próprios; nesse caso, os fins devem dar espaço às estratégias de ação. O agir estratégico é exatamente o processo de coordenar fins entre sujeitos racionais  $S^1$  e  $S^2$ .

A separação do modelo aristotélico de agir é muito importante para o pensamento habermasiano, na medida em que questiona a natureza da ação teleológica, que é diferente da ação estratégica, pois a primeira é finalística e a segunda, relacional. Nesse sentido, Habermas amplia os potenciais de ação e as formas de agir. Com esse mecanismo, é possível ter uma virada interpretativa, já que a comunicação será fundamental para uma ação relacional. Daí o termo estratégico, uma vez que sempre há a possibilidade de o sujeito não conseguir que o outro aja conforme seus interesses, e seu objetivo finalista da ação deve ser relativizado.

O conceito do agir regulado por normas traz os estudos durkheimianos de religião. Habermas procura apenas definir o agir regulado por normas, afirmando haver uma ação seguida pelos membros, que se orientam por valores em comum. Isso fica evidente ao percebermos, na realidade concreta, uma série de ações que realizamos por normas consensualmente construídas, como obedecer aos sinais de trânsito, entrar e sair dos transportes públicos ou utilizar pronomes de tratamento em uma conversa formal ou informal.

O mundo social é o que estabelece as justificações das normas seguidas por determinado agrupamento e o modo como devem ser acessadas essas normas.

No agir dramático, Habermas busca aliar tanto uma perspectiva de que o sujeito pode se enganar como se autoenganar, que não seria necessariamente estratégico. Pode ser uma encenação, representar um papel social diante de uma determinada situação – por exemplo, o aluno que vai apresentar um seminário ou uma performance teatral. Ou o sujeito tem uma informação equivocada e não o sabe. A ideia principal desse tipo de agir é a de que há certo tipo de território social, no qual homens e mulheres representam papéis, não necessariamente estratégicos ou normativos, mas sim uma representação social. No mundo universitário, podemos pensar nos momentos de defesa de tese; no mundo empresarial, na apresentação de uma proposta para o financeiro; no mundo esportivo, na performance de uma ginasta de solo. Todos esses atos são performativos, em que sujeitos desempenham papéis sociais.

No agir comunicativo há a interação de pelo menos dois sujeitos capazes de falar e agir que estabelecem uma relação interpessoal. Não estamos falando de uma estratégia para um fim, de um agir orientado por uma norma socialmente válida ou de uma performance, mas sim de uma relação social em busca do entendimento. Esse mecanismo baseia-se na construção do entendimento pela linguagem e diferencia-se do teleológico porque busca o entendimento e o diálogo. As normas serão seguidas com os sujeitos utilizando-as em favor de ambos, no intuito de construir consensos; desse modo, eles não estão representando, e sim buscando coordenar seus planos e, com isso, suas ações.

Na TAC, há todo um esforço teórico para sustentar que todas as formas de agir pressupõem um agir comunicativo e que o consenso só será possível com altruísmo, conquistado pelo agir comunicativo. No modelo teleológico, a linguagem é um dos vários meios que o sujeito utiliza para atingir seus fins egocêntricos. Apesar do sentido egoico dado pelo sujeito, ele estará sempre amparado por uma relação social comunicativa, ancorada no mundo da vida. No modelo normativo de ação, a TAC pressupõe uma linguagem que transmite valores culturais, isto é, uma linguagem prática; o consenso é estabelecido pelas relações sociais e pelo conteúdo normativo, moral e ético que baliza as ações do agrupamento. O modelo dramatúrgico de ação pressupõe a linguagem como autoencenação, uma linguagem assimilada no seu formato estilístico e estético. Por último, o modelo produzido pelo próprio Jürgen Habermas, o comunicativo, em que a linguagem é o meio de entendimento no mundo das relações espontâneas. Utilizando-se das referências aos seus mundos (objetivo, social e subjetivo) a fim de compor definições em comum, esses estudos aprofundam os esforços da pragmática formal e da análise sociolinguística.

Habermas resume esse esforço teórico nos seguintes termos:

A unilateralidade das três outras concepções de linguagem revela-se no fato de os três tipos de comunicação assinalados por cada uma delas constituírem casos limite do agir comunicativo, a saber: *primeiro*, o entendimento indireto dos que têm em vista somente a realização de seus próprios propósitos; *segundo* o agir consensual dos que apenas tratam de atualizar uma concordância normativa já subsistente; e, *terceiro* a autoencenação direcionada a espectadores (Habermas, 2012a, p. 184, grifos do autor).

Para construir seu agir comunicativo, Habermas baseia-se na junção de diversas perspectivas que abordam a linguagem. O interacionismo simbólico de Mead, con-

cepção wittgensteiniana de jogo de linguagem, com a teoria dos atos de fala de Austin e a hermenêutica gadameriana.

Nesta seção buscamos desconstruir os quatro modelos de ação e trazê-los para o seu entendimento de agir; este seria o fundamento de todas as outras formas de agir. O entendimento de dois sujeitos em busca de um consenso é fundamental para a construção da própria linguagem.

Na próxima seção, debateremos a questão do sentido da ação social; claramente o sentido da ação será um diálogo com Weber, e Habermas sistematizará as aproximações feitas entre agir teleológico e agir estratégico.

## A COMPREENSÃO DO SENTIDO

Nesta última seção, faremos um diálogo com os clássicos da sociologia para conceituar a forma como o pesquisador nas áreas de humanidades pode compreender a TAC. Tal qual feito com o fato social de Durkheim, ou a ação racional do sujeito weberiana, ou as relações entre classes em Marx. Habermas entende que a problemática do compreender ganhou importância na estrutura metodológica nas ciências humanas. Em sua opinião, o cientista social não consegue acesso à realidade somente pela observação e sua compreensão de sentido das ações sociais. O agir e falar são conceitos fundamentais e dificilmente explicados por pertencermos a um mundo da vida sociocultural, o ser-parte de um mundo dificulta o acesso a sua compreensão.

Neste caso, o cientista social “não tem acesso diverso ao mundo da vida do que tem um leigo em ciências sociais” (Habermas, 2012a, p. 207). Como então propor uma análise da sociedade que saia do subjetivismo ou da interpretação leiga da realidade?

O pesquisador na área de humanas deve ser capaz de compreender o mundo. Ser parte deste mundo, participar ativamente da sua geração.

*O compreender uma exteriorização simbólica exige em princípio a participação em um processo de *entendimento*. Significados, estejam eles corporificados em ações, instituições produtos do trabalho, palavras, relações cooperativas ou documentos, só podem ser desvelados a partir de dentro.* (Habermas, 2012a, p. 213, grifos do autor)

Apenas sujeitos aptos a acessar o mundo da vida podem interpretá-lo; esse acesso se constrói por meio da participação do sujeito com outros, de modo que ele mesmo se torne um envolvido. Estamos no campo de como o pesquisador pode acessar e compreender o mundo. Para Habermas, a resposta a essa questão deve ser feita com o auxílio de epistemologias que deram base para o conhecimento ser conhecido hoje;

para isso a TAC abordará o historicismo e o neokantismo para encontrar pressupostos da sociologia compreensiva. Posteriormente, apropria-se da categoria de paradigma e toda a discussão sobre a verdade, discutido por Thomas Kuhn, Karl Popper, Imre Lakatos e Paul Feyerabend. Todo esse fôlego teórico será para demonstrar que as ciências humanas têm no paradigma da filosofia da linguagem um potencial de ancoragem e que a objetividade do conhecimento, o método de compreensão do sentido do agir e a própria ideia de conhecer estão fundados nesse paradigma.

Com uma interpretação que é racional, o intérprete depara-se com estruturas que buscam pretensões de validade. Para Habermas, se o pesquisador neutralizasse essa forma de agir, ele seria apenas um observador que privilegiaria a objetivação, processo no qual o espírito humano experimenta uma alienação de sua real natureza subjetiva. Portanto, o pesquisador deve construir pontes entre a compreensão das ações e a interpretações das ações. Um movimento dialógico entre intérprete e mundo da vida.

Após apontar sua compreensão e a possibilidade de o pesquisador acessar o mundo da vida, Habermas vai discutir cada um dos conceitos de agir (teleológico, normativo, dramatúrgico e comunicativo) e como cada uma dessas formas de agir impede um conhecimento em busca de um significado. “Os conceitos fundamentais do agir teleológico, do agir regulado por normas e do agir dramatúrgico asseguram um *des-nível metodológico relevante* entre o plano em que se interpreta a ação e o plano da ação interpretada” (Habermas, 2012a, p. 223, grifo do autor).

No agir teleológico o pesquisador utiliza os dados para aquilo que objetivamente quer demonstrar, e o conhecimento é utilizado estrategicamente para os fins, como os exemplos de uma pesquisa para validar determinado medicamento ou certo tipo de atitude a tomar no mundo do trabalho. O pesquisador não quer pesquisar, mas encontrar uma resposta que satisfaça seus interesses subjetivos.

No agir regulado por normas, o pesquisador poderia em um primeiro momento utilizar as normas, como jurista, mas não acessaria os valores do mundo da vida para compreender o social; é possível que o pesquisador faça uma descrição via mundo social, normativo, mas não teria a capacidade de debater a validade de normas a partir da sua descrição. Nesse sentido, o agir regulado por normas não alcança uma metodologia compreensiva.

No agir dramatúrgico o pesquisador utiliza-se apenas de seu mundo subjetivo. Ele não consegue compreender o real, pois está obcecado na sua visão de mundo; são pesquisadores egocêntricos que acreditam que a sua interpretação é a única possível.

Por fim, Habermas vai apontar seu método de pesquisa. Inicia discutindo a importância da hermenêutica para a realidade simbolicamente pré-estruturada de Alfred Schütz (1932), no livro *A construção significativa do mundo social*, apontando

três decisões metodológicas prévias para desenvolver um método de pesquisa com base no agir comunicativo:

- (1) Decisão de descrever a realidade social de tal modo que ela seja concebida como uma construção do mundo cotidiano surgida das realizações interpretativas dos envolvidos – mundo social. “[...] o cientista social certamente também precisa servir-se desse *modus* da experiência. É por meio dele que chega seus dados” (Habermas, 2012a, p. 228).
- (2) Decisão de perguntar quem são estes indivíduos pesquisados e que conteúdos devem ser atribuídos a eles para que os fatos observados sejam explicados em um contexto compreensível – mundo subjetivo. “O cumprimento desse postulado garante a possibilidade de remeter todo o tipo de agir humano” (Habermas, 2012a, p. 229).
- (3) Decisão de formular hipóteses associadas a modelos pré-teóricos em que os envolvidos interpretam tanto a sua situação como o contexto da ação que participam – mundo objetivo.

Todo conceito em um modelo científico do agir humano precisa ser construído de tal maneira que uma ação executada de acordo com a construção típica por um indivíduo no interior do mundo da vida seja tão compreensível para o próprio ator quanto para seus semelhantes, e isso tudo no âmbito do pensamento cotidiano (Habermas, 2012a, p. 229).

Para Habermas, Schütz é de opinião que o observador ligado às ciências sociais assume um posicionamento teórico que lhe permite alçar-se acima da perspectiva vinculada ao mundo da vida, assumida tanto na sua própria práxis quanto na práxis que ele investiga. A etnometodologia crítica pode ser um elemento agregador à interpretação das ciências sociais, pois ela parte da premissa de que os intérpretes partilham os mundos objetivo, social e subjetivo. Procurando entender os estados de coisas existentes, os valores e as vivências dos indivíduos. “O intérprete só entenderá o que o autor possa ter *pensado*, à medida que discernir as razões que possibilitem considerar *razoáveis* as exteriorizações do sujeito da ação social” (Habermas, 2012a, p. 245, grifos do autor).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-se de todos esses referenciais, Habermas adequa seu pensar a partir da hermenêutica filosófica, em que o intérprete só pode esclarecer o significado de uma exteriorização simbólica enquanto participante no processo de entendimento entre

os envolvidos; buscando fazer uso da estrutura interna do agir orientado pelo entendimento, com o intuito de relacionar seu mundo da vida ao da sociedade a ser analisada, para assim reconstruir o significado do *interpretandum* como substância objetiva de um conhecimento passível de crítica.

Ao buscar este estágio de desenvolvimento das ciências sociais, utilizando uma metodologia que dê conta das diferentes culturas e formas de pensar o mundo, enfrentando a relação kantiana de sujeito e objeto para uma sujeito-mundo, ser-em-si, pode-se apresentar três caminhos para uma tentativa de universalidade do conceito de racionalidade comunicativa. “O *primeiro* é o da elaboração formal-pragmática do conceito de agir-comunicativo” (Habermas, 2012a, p. 257, grifo do autor), que seria a reconstrução das ações de fala orientadas ao entendimento, aproximar a semântica formal da teoria dos atos de fala e da pragmática linguística. “Em *segundo* lugar, podemos empreender a tentativa de avaliar a utilidade empírica de discernimentos formal-pragmáticos” (Habermas, 2012a, p. 257, grifo do autor); para isso seria necessária a explicação de modelos de comunicação patológicos, a evolução dos fundamentos de formas de vida socioculturais e a história de determinadas ações. “Em *terceiro* lugar, o processamento das abordagens sociológicas para uma teoria da racionalização social” (Habermas, 2012a, p. 259, grifo do autor).

Desses três formatos que podem auferir uma maior legitimidade às ciências humanas, Habermas escolhe o terceiro caminho, com a seguinte explicação:

*Esse é o caminho que escolho (terceiro), certamente sem a intenção de proceder a investigações históricas. Mais que isso, pretendo retomar as estratégias conceituais, assunções e argumentações de Weber a Parsons, com a intenção sistemática de abordar problemas que possam ser resolvidos com o auxílio de uma teoria da racionalização desenvolvidos por meio dos conceitos básicos do agir comunicativo (Habermas, 2012a, p. 259, grifo do autor).*

A história das teorias é mais importante para essa condução metodológica do que a história das ideias; nesse contexto, possibilita enfrentar a concorrência de paradigmas das ciências sociais assumindo a originalidade dos grandes teóricos da sociedade, como Marx, Weber, Durkheim e Mead, e os teóricos da cognição, como Freud e Piaget. Habermas alerta que há um limite dos paradigmas nas ciências sociais que às vezes não é captado pelos teóricos da filosofia da ciência, afirmando que “os paradigmas das ciências sociais estão *internamente* vinculados ao contexto em que eles surgem e se tornam efetivos” (Habermas, 2012a, p. 260, grifo do autor).

## REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Perspectiva, 2007.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo – Volume 1: Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.
- HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo – Volume 2: Sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- PIAGET, J. *A Epistemologia genética e a pesquisa psicológica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- POPPER, K. *Os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento*. São Paulo: Unesp, 2013.
- ROUANET, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- WITTGENSTEIN, W. *Observações filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.